

O CODIFICADOR DO ESPIRITISMO E AS TRAJETÓRIAS DE QUATRO ESPIRITUALISTAS

INDICE

Allan Kardec - o Codificador do Espiritismo e as trajetórias de quatro espiritualistas	2
O Educador	2
O Homem e seu caráter	2
O Espírita	3
Ramatis, Pietro Ubaldi, Roustaing e Edgard Armand	4
RAMATIS	4
PIETRO UBALDI	4
J. B. ROUSTAING	5
EDGAR ARMOUND	6

Allan Kardec - o Codificador do Espiritismo e as trajetórias de quatro espiritualistas

Cirso Santiago ()*

Allan Kardec nasceu na cidade de Lyon, na França, a 3 de outubro de 1804, tendo sido batizado com o Hippolyte. Seus pais Jean Baptiste Antonie Rivail, juiz de Direito, e Jeanne Louise Duhamel eram católicos. Seu nome completo era Hippolyte Léon Denizard Rivail. Os estudos de Kardec iniciaram-se em Lyon e foram completados em Iverdum, na Suíça, sob a direção do célebre Professor Pestalozzi. Seus detratores, entre outros defeitos que lhe apontam, costumam apresentá-lo como ignorante, mas isto é uma infame calúnia. O Mestre teve sólida instrução, servida por robusta inteligência. Conhecia o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol, o holandês e, logicamente, o francês e tinha grande cultura científica. Como educador publicou os seguintes trabalhos:

1828 - Plano para Melhoramento da instrução pública;

1829 - Curso prático e teórico de Aritmética;

1831 - Gramática Francesa Clássica;

Após este elaborou mais três livros didáticos de grande valor: Soluções nacionais das questões, Problemas de Aritmética e Geometria e Manual dos Exames para títulos de capacidade.

Em 1846 publicou Programa dos Cursos usuais de Química, Física, Astronomia e Fisiologia.

Em 1848 trouxe a lume Catecismo gramatical da língua francesa para iniciantes no idioma. E ainda: Ditados especiais sobre dificuldades ortográficas. Pontos para exames, e Ditados normais dos exames da Municipalidade de Sorbonne.

Houve quem o apresentasse como doutor em Medicina. Kardec, porém, nunca se fez passar por médico. Sua área profissional sempre foi a Educação. Os seus livros, apresentados acima, atestam isso. O equívoco certamente proveio do fato de ele tratar enfermos com a técnica do hipnotismo e com aplicações de passes magnéticos.

Bacharelou-se, entretanto, em Ciências e Letras.

O Educador

Allan Kardec era educador por excelência. Além das obras que publicou, traduziu várias outras, algumas de fundo moral, como Telêmaco, de Fenelon, que verteu para o alemão, e comentou, o que lhe valeu aplausos calorosos de Pestalozzi.

O Homem e seu caráter

"Todas as qualidades morais, que concorrem para formar o homem de bem, foram logo desabronchando no jovem Hippolyte Rivail e constituíram sempre o fundo do seu caráter. O Espiritismo não lhe veio modificá-lo de chofre, dando-lhe imediatamente qualidades que não possuía. Já o encontrou formado. Apenas o lapidou. Era já um espírito evoluído, com um longo tirocínio de outras existências e de outras missões, perfeitamente aparelhado, portanto, para desempenhar a nova missão que trazia.

O Espírita

Hippolyte Léon Denizard Rivail teve notícia das mesas girantes, pela primeira vez, em 1854. O magnetizador Sr. Fortier, amigo dele há vários anos, lhe falou que as mesas não somente dançavam, mas também falavam. Quanto as mesas dançarem sob a pressão do fluido magnético ele achou que era uma coisa normal e possível. Mas quanto elas falarem era impossível acreditar, pois para tanto elas precisavam ter cérebro e nervos. Em 1855, um outro amigo, o Sr. Carlotti lhe falou que as mesas dançavam e falavam devido a intervenção dos Espíritos. Ele ainda refutou, deixando o assunto para ser estudado mais tarde. Em maio daquele mesmo ano, outras pessoas lhe repetiram a mesma informação, mas sem a exaltação do Sr. Calotti e lhe convidaram para assistir as experiências que ocorriam na casa da Sra. Plainemaison, à Rua Grange-Batelière, nº 18. Ele aceitou o convite e pode ver, então, o fenômeno das mesas dançantes, em condições que não permitiam dúvida. Kardec voltou ali inúmeras vezes para observar. Quando teve certeza de que tudo aquilo era sério, ele passou a questionar os Espíritos de maneira organizada e sistematicamente. Fez a mesma coisa com grupos diferentes que se reuniam até mesmo em outras cidades. "Foi assim que mais de dez médiuns prestaram sua assistência para esse trabalho de coletas de respostas. "Foi da comparação e da fusão de todas essas respostas coordenadas, classificadas, e muitas vezes refundidas no silêncio da meditação, que formei a edição de O Livro dos Espíritos, que saiu em 18 de abril de 1857". Esta obra é a pedra fundamental da Codificação Espírita. Nela estão contidos todos os princípios fundamentais do Espiritismo.

O pseudônimo Allan Kardec surgiu quando ele teve que assinar essa primeira obra espírita. Ela se espalhou e ele tornou-se mundialmente conhecido como Allan Kardec.

As demais obras básicas do Espiritismo foram todas coordenadas a partir de O Livro dos Espíritos, de modo que o edifício chamado Doutrina Espírita tem muitos compartimentos, mas entre eles há uma interação muito forte e lógica.

A segunda obra da Codificação é O Livro dos Médiuns, em que se trata essencialmente da parte experimental da doutrina;

A terceira é o Evangelho Segundo o Espiritismo, onde são estudadas as leis morais, tratando-se especialmente da aplicação dos princípios da prece e da prática da caridade;

A quarta é O Céu e o Inferno, que trata das Esperanças e Consolações, bem como dos problemas referentes às penas eternas e outros dogmas como da ressurreição da carne e os do paraíso, inferno e purgatório;

A quinta é A Gênese, em que se analisa os Milagres e as Predições, bem como os problemas genéticos e a evolução física da Terra.

Obras Póstumas não faz parte, propriamente dita, da Codificação, mas é também um livro importante para quem queira se interar dos princípios espíritas, porque nela estão contidas inúmeras anotações que Kardec deixou ao desencarnar em 31 de março de 1869.

Os iniciantes ao estudo do Espiritismo não podem deixar de ler também a coleção (12 volumes) da Revista Espírita, em que os mais variados temas, sempre relacionados com a doutrina, foram abordados pelo Codificador.

Ramatis, Pietro Ubaldi, Roustaing e Edgard Armond

Ramatis, Pietro Ubaldi, Roustaing e Edgar Armond há muito tempo estão na berlinda e seus críticos já dissecaram suas obras de cabo a rabo. Considerei que o que já foi dito bastasse para o público compreender os equívocos que esses escritores cometeram em relação à Doutrina Espírita. Todavia numa roda de amigos, em que falávamos sobre Espiritismo veio à baila esses personagens e fiz rápida explanação sobre as trajetórias deles pelo movimento espírita brasileiro. E qual não foi a minha surpresa quando um companheiro, com boa bagagem de conhecimento doutrinário me disse: "Agora, sim, estou entendendo certas críticas referentes a essas figuras. Creio que o grosso do movimento espírita fica um tanto confuso diante das críticas que se fazem a eles porque não os conhecem de uma maneira mais global. Por que você não escreve sobre esse assunto?".

- Não escrevo, porque não me acho capaz de fazer um trabalho melhor do que aquilo que já está na praça! Foi o que eu disse ao meu interlocutor, procurando eximir-me de tão difícil tarefa. E ele me deu o cheque mate:

- Escreva o que você acabou de nos dizer que basta!

Prometi-lhe refletir melhor sobre a sugestão. Dias após. Concluí que a sugestão tinha sua razão de ser e me propus a passar para o papel o seguinte:

RAMATIS

é um Espírito que há muito se infiltrou no movimento espírita brasileiro com a cumplicidade do médium paranaense Hercílio Maes. Juntos, Espírito e médium escreveram várias obras, que deixam muito a desejar quanto a pureza doutrinária. Eis algumas delas: "Fisiologia da Alma", "O Evangelho à luz do Cosmo", "Elucidações do Além", "Magia de Redenção", "Mediunismo", "Mediunidade de Cura", "Missão do Espiritismo" e outras. Não se pode negar que Ramatis é bastante inteligente e muito sagaz e, portanto sabe disfarçar seu desconhecimento doutrinário, ou incoerência consciente doutrinária. Logo ganhou adeptos fervorosos e seus livros invadiram o nosso meio. Suas obras não só apresentam senões doutrinários, mas também fortes pitadas de orientalismo, verdadeiros enxertos inconvenientes à Doutrina Espírita. Mas sendo sagaz como é não deixa de expressar aqui e ali pensamentos razoáveis, com pretensão estudada de confundir o público leigo. Desde sua estréia no movimento espírita nacional a crítica o tem sob sua mira, mas a coisa ficou feia mesmo foi quando veio a lume "Vida no Planeta Marte", em que ele foi longe demais e desvelou suas fantasias. A crítica especializada desceu-lhe o porrete, mas nessa altura esse Espírito já tinha feito escola por aqui e até hoje há espíritas (ou melhor, pretensos espíritas) que se arrepiam ante qualquer análise desfavorável à obra ramatisiana. No meu conceito Ramatis é espiritualista, mas não espírita.

PIETRO UBALDI

Nasceu na Itália e acabou, graças a alguns mecenas, radicando-se no Brasil. Desenvolveu sua mediunidade à margem dos ditames espíritas. Não sei se ele chegou a estudar as obras kardequianas, se chegou não deve tê-las aceitado integralmente. Kardec nunca lhe foi um paradigma. Ele sempre quis voar mais alto. Tinha idéias próprias e não iria submeter-se à Codificação

Espírita. Mas como o brasileiro é um eterno louvador do que vem de fora, Ubaldi em pouco tempo fez aqui grandes amigos espíritas, alguns destes até muito importantes dentro do nosso meio, o que lhe facilitou o seu percurso no Brasil. Certa vez, em Pedro Leopoldo, MG chegou mesmo a sentar-se ao lado de Chico Xavier para psicografar uma mensagem. Sua linguagem mediúnica, porém, nunca teve a simplicidade e a clareza que vemos na linguagem xaveriana. Ficou por aí apresentando seus ensaios filosóficos que nada tinham com o Espiritismo autêntico. Sua preocupação, na verdade, sempre foi a de criar um movimento próprio: o ubaldismo. Teve ímpeto de explicar a essência de Deus. Veja só até onde pode chegar um homem incensado. Seu livro de maior alcance foi "A Grande Síntese". O movimento espírita brasileiro se deslumbrou diante dessa obra. Mas muitos que a leram não a entenderam, apenas louvaram, pois é muito mais fácil louvar do que confessar ignorância. Depois disso, que eu saiba, não saiu mais nada de fôlego de seu lápis que ganhasse a mesma notoriedade de "A Grande Síntese". Mas ele só caiu mesmo na malha dos críticos mais exigentes quando se revelou adepto do monismo (o que é isso? O Aurélio é quem explica: monismo é Doutrina Filosófica, segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade, quer do ponto de vista de sua substância, quer do ponto de vista das leis lógicas ou físicas, pelas quais o universo se ordena. (O monismo poderá ser materialista ou espiritualista, lógico e físico). Escorando-se nessa tendência Ubaldi criou uma teoria própria que corre paralela ao Espiritismo que nada tem a ver com este. Ao meu ver Pietro Ubaldi foi um espiritualista, mas não espírita.

J. B. ROUSTAING

Foi destacado advogado da Corte Imperial de Bordeaux, na França. A vaidade doentia estava à flor de sua pele. Após ler "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns", ambos de Allan Kardec, meteu em sua cabeça que com o auxílio dos Espíritos Superiores poderia fazer uma obra superior àquelas duas. Note-se que em matéria espírita ele era calouro. Mesmo assim, não demorara a evocar entidades espirituais para efetivar seu sonho: superar Allan Kardec. Ele procurou a médium Emille Collignon, também uma novata na lide da mediunidade e com sua cumplicidade evocou o Espírito João Batista. Imagine! Logo o precursor de Jesus. Claro, Roustang não poderia deixar por menos. Se Kardec se relacionava com o Espírito da Verdade, ele pelo menos tinha que ter à disposição um João Batista. Mas como Espírito não carrega Carteira de Identidade, o vaidoso advogado foi ludibriado, conforme atesta sua obra "Os Quatro Evangelhos", Atrás do falso João Batista vieram Moisés e os evangelistas João, Lucas, Marcos e Mateus. Supostamente foram essas figuras do cristianismo nascente que passaram no século XVIII a citada obra a Roustaing, via Collignon. A obra, além de mistificadora traz um subtítulo que é verdadeira afronta à Doutrina Espírita: "Revelação da Revelação". É muita pretensão, pois essa obra não suporta uma simples análise à luz do Espiritismo e não é espírita, pois nem Roustaing, nem a médium, muito menos os espíritos que a escreveram eram espíritas, quando muito eram espiritualistas. Se a primeira condição de uma obra espírita é ter o "imprimatum" da universalidade, "Os Quatro Evangelhos" é refutado aí, pois foi recebido apenas por uma médium. Quando essa obra chegou às mãos de Allan Kardec, ele elegantemente a refutou, insinuando que era uma obra prolixa, pois disse que em vez de três volumes, o que ali está escrito poderia ter sido enfeitado em dois e até mesmo num volume e o leitor ganharia com este enxugamento. Mais tarde, Kardec ainda lembrou-se dela dizendo que houve precipitação em trazer a

lume certos assuntos como o corpo fluídico de Jesus e prometeu desenvolver esse tema com maior profundidade. O que de fato o fez em "A Gênese". E disse que o tempo se encarregaria de aprovar ou não a obra de Roustaing. Na França, ela não teve qualquer sucesso. Vindo para o Brasil, porém, encontrou aqui os diretores da FEB, da época, receptivos e generosos. Logo a FEB, que se intitula representante mor do Espiritismo no Brasil introduziu no movimento espírita brasileiro essa obra que representa por razões óbvias o 1º Cisma do Movimento Espírita. Não só a introduziu, como ao longo dos anos vem lhe dando guarida em detrimento à Codificação Espírita. A obra em questão é espiritualista e a FEB se diz espírita. Não é um contra-senso? E ainda para a nossa reflexão, faço aqui uma pergunta que já fiz alhures. Se essa obra foi publicada quando ainda o Espiritismo estava para ser concluído, pois Allan Kardec ainda não havia publicado "A Gênese", com que fechou a Codificação da Doutrina Espírita, por que os espíritos que a ditaram à médium Collignon não a ditaram para o Codificador? Será que esses espíritos já haviam pulado da barca de Jesus? Isto, no mínimo, é muito suspeito! É bom que se diga que no passado muitos espíritas de renome se diziam roustainguistas. Mas assim que leram a obra de Roustaing calaram-se ou tornaram-se os seus maiores críticos. E alguns até mesmo depois de desencarnados jamais falaram um "o" a favor dela, a não ser dentro da FEB. Será que isso não diz nada?

EDGAR ARMOUND

(O Comandante Edgar Arround, como era chamado). Oficial da Força Pública do Estado de São Paulo, hoje denominada Polícia Militar, chegou à Federação Espírita do Estado de São Paulo em 1939. Nessa época a FEESP dava seus primeiros passos já que foi fundada em 1936. Homem inteligente e de palavra fácil, o Comandante Edgar Arround foi pouco a pouco conquistando o seu espaço dentro da Instituição Federativa. Lembremos que naquele tempo a literatura espírita era escassa. Existiam os livros da Codificação e além deles um ou outro livrinho de produção independente. A promissora obra de Francisco Cândido Xavier, o nosso Chico Xavier, estava ainda nos seus primeiros degraus. Arround logo constatou isso e começou a escrever uns livrinhos mais simples, próprios para os iniciantes à Doutrina Espírita. Eu diria que a inspiração dos cursos de Espiritismo que até hoje estão em pleno vigor na FEESP nasceu das páginas desses livrinhos do Arround. Cursos esses que estão em todos os quadrantes do movimento espírita brasileiro e quiçá do exterior. O Comandante Arround chegou, então, à Diretoria da FEESP. E como Secretário Geral organizou a "Escola de Médiuns" e a "Escola de Aprendizes do Evangelho". Hoje estas escolas acolhem mais de cinco mil alunos. E criou também o passe padronizado que tem causado muita polêmica, porque é um ritual muito distante da prática espontânea, intuitiva que fora exemplificada por Jesus.

Sua bibliografia compõe-se de 25 obras. As que fizeram mais sucesso foram "Passes e Irradiações" e "Os Exilados de Capela". Foi ele também que trouxe para o nosso meio a "Cromoterapia", que nada tem a ver com a Doutrina Espírita, mas que hoje está espalhada graças um opúsculo escrito por ele e publicado pela Editora Aliança. Devemos a ele também essa enxertia.

Em maio de 1944, o Comandante Arround fundou o jornal "O Semeador", órgão doutrinário da FEESP. Apoiado por um grupo de amigos fundou ainda a Instituição Espírita "O Lar do Amor Cristão", em São Paulo e foi um dos signatários da Ata de Fundação da USE - União das Sociedades Espíritas

do Estado de São Paulo. Além da Cromoterapia e do passe padronizado que ainda hoje causam discussões no meio espírita e certamente serão questionados pelas gerações espíritas do futuro, devo ainda mencionar que suas obras estão carregadas de conceitos orientalistas, pois ele foi um grande estudioso das principais religiões orientais. Termos como chacras e “Ramatis, Pietro Ubaldi, Roustaing e Edgar Armond há muito tempo estão na berlinda e seus críticos já dissecaram suas obras de cabo a rabo. Considerei que o que já foi dito bastasse para o público compreender os equívocos que esses escritores cometeram em relação à Doutrina Espírita” carma e outros de origem oriental foram enxertados por ele no movimento espírita brasileiro. Há ainda em suas obras um legado místico muito forte que tomou o movimento espírita brasileiro de assalto. Não bastasse o bolor igrejeiro do roustaingismo, o misticismo e o orientalismo do Comandante Armond também trouxeram prejuízos sérios ao movimento espírita brasileiro.

Alegando problemas de saúde, Edgar Armond deixou a FEESP em 1966. E o estrago armondista no movimento espírita brasileiro iria se completar com a criação, por ele próprio, da Aliança Espírita Evangélica que nasceu com vocação um tanto velada, a princípio, federacionista e tornou-se em pouco tempo em nosso Estado de São Paulo, concorrente da USE e da FEESP. A Aliança Espírita Evangélica é fortemente mística e orientalista e os centros "espíritas" capitaneados por ela são todos místicos e orientalistas, o que traz ao Espiritismo um dano imensurável. Tudo isso é uma pena, pois a herança do Comandante Armond poderia ter sido bem melhor. Essa minha análise, ainda que superficial, me autoriza a considerá-lo também, espiritualista, mas não espírita.

(Publicado no Correio Fraternal do ABC Nº 365 de Junho de 2001)